

## Jogos Teatrais na Educação: Um Olhar para uma Prática Libertadora

*Neusa Raquel De Oliveira Santos*<sup>1</sup>  
*Moacir Alves de Faria*<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este trabalho pretende trazer à tona a discussão da educação como prática que leva o indivíduo à sua libertação plena na busca do conhecimento, bem como no exercício pleno da sua cidadania. Para isso utilizaremos a proposta pedagógica libertadora de Paulo Freire e as novidades dos jogos teatrais para educação de crianças, adolescentes e adultos baseado nas idéias de Viola Spolin. Um olhar para uma educação que pode contribuir na formação de cidadãos capazes de interagir plenamente em seu cotidiano e participar da construção de uma sociedade mais justa e com menos exclusão.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva, pedagogia, jogo teatral, conhecimento, cidadania.

### **1. Introdução**

Neste trabalho pretendemos explorar a função pedagógica dos jogos teatrais a fim de articular um ambiente de aprendizagem onde seja primordial o clima de confiança, de respeito às diferenças e de reflexão.

Ao observar as possíveis contribuições dos jogos teatrais para o ensino pudemos verificar que sua prática pode desenvolver a subjetividade, a percepção, a relação com o outro, a responsabilidade, a criatividade e o diálogo.

Pretendemos discutir neste trabalho como o diálogo problematizador proposto por Paulo Freire deve ser foco no ambiente educacional. A necessidade da construção de um ambiente favorável à aprendizagem, mais humano e menos individualista, onde as diferenças possam ser respeitadas e que permita ao indivíduo o exercício pleno de sua cidadania é urgente na educação.

O desenvolvimento de projetos educacionais não pode mais ser estabelecido de forma vertical, ou seja de cima para baixo, mas de forma horizontal levando em conta todos os participantes no processo pedagógico escolar, focando a aprendizagem dos

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Pedagogia da Universidade Nove de Julho – UNINOVE.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba. Professor Orientador.  
Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 1 – nº 1 - 2010

educandos, como também a formação de indivíduos capazes de transformar situações de injustiça, intolerância e de exclusão em situações de justiça, tolerância e inclusão.

## **2. Problematização e Diálogo**

O ensino pode contribuir para a educação de pessoas reflexivas quando a transmissão de conhecimento é superada pelo questionamento e pela problematização. Na educação tradicional, Paulo Freire (2004, p. 58) define os papéis do educador e do educando e a chama de educação bancária: “(...) *Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.*”

Além das dificuldades que emergem das condições de trabalho inadequadas para professores e estudantes, acredito que o distanciamento entre a escola e o cotidiano real pode dificultar que o aluno olhe para a educação como uma ferramenta necessária no diálogo inteligente com o mundo. Por outro lado, a forma dominante desse ensino, que Paulo Freire denominou de educação bancária, está longe de trabalhar a curiosidade ingênua dos adolescentes visando transformá-la numa curiosidade epistemológica.

A escola e o professor em particular têm uma responsabilidade extraordinária na formação do adolescente, no aperfeiçoamento da pessoa como ser integral. Esse aperfeiçoamento deve embasar-se numa filosofia de vida indispensável à formação do ser humano. É o homem em condições de zelar pela sua dignidade individual perante a coletividade; é o ser ajustado à família, à comunidade de vivência, ao trabalho, às instituições, ao respeito aos demais indivíduos; é a pessoa cultivada para servir ao próximo, sem preconceitos de quaisquer natureza, visando ao aprimoramento individual, coletivo, universal; etc.<sup>3</sup> (FREIRE, 2000)

Acredito que se tivermos uma situação escolar, onde educadores e educandos estabeleçam um diálogo honesto sobre a aprendizagem, se posicionem como diferentes, e nem por isso como desiguais, dispostos a trocar conhecimentos, a respeitar os limites do outro e procurar juntos caminhos para suplantar esses limites, o ensino pode ser motivadora da transformação em busca do conhecimento bem como da emancipação de cada indivíduo na sociedade.

É a educação que permite ao indivíduo a reflexão e a responsabilidade na transformação atual da sociedade.

---

<sup>3</sup> [HTTP://eduquenet.net/professoreducador.htm](http://eduquenet.net/professoreducador.htm). Acesso em: 24 fev. 2010

Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na exploração de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. (FREIRE, 2008, P. 67).

A educação não pode contribuir para a formação de indivíduos passivos, mas deve ser um momento de participação e reflexão; e isto deve ser uma prática em todas as instâncias educacionais, desde àqueles que determinam os projetos educacionais até aqueles que os colocam em prática. A proposta libertadora de educação deve permear todos os que nela estão envolvidos, com isso os projetos não serão verticais e sim horizontais, onde todos podem contribuir desde a construção até a execução do projeto pedagógico.

É importante ressaltar que em toda a sua vida Paulo Freire defendeu idéias para uma educação que permitisse a reflexão sobre o conteúdo ensinado e sobre a situação social do país. Paulo Freire sempre enfatizou a necessidade do diálogo libertador. Suas idéias, seus princípios, seus sonhos, sempre serão ponto de partida para uma pedagogia que pense no ser humano como alguém com sonhos, esperanças, inquietações e medos, e não como um objeto. (OLIVEIRA, 2004, p.24)

O diálogo horizontal, aquele que coloca seus interlocutores como iguais, deve ser buscado incessantemente na educação. As propostas educacionais devem nascer do diálogo entre pesquisadores da educação, educadores e educandos visando à transformação e à inclusão de todos na busca do conhecimento.

Para isso os jogos teatrais podem nos auxiliar, transformando essa transmissão de conhecimento dominante na escola, e proporcionando meios para trabalhá-los em sala de aula, estimulando debates problematizadores a respeito do conhecimento.

Acreditamos que os jogos teatrais possam ajudar na abordagem de temas que normalmente ficam ausentes do seu ensino, como a possibilidade de o conhecimento transformar situações de dominadores e dominados, questões sobre exclusão social ou ainda questões da ética na sociedade. Os jogos utilizam atividade que são originadoras de problemas, cujas soluções levam o grupo à reflexão e ao diálogo.

Os problemas inesperados, propostos pelos jogos teatrais, para serem resolvidos de improviso, podem contribuir para a formação de indivíduos capazes de interagir nesse novo universo globalizado e em constante transformação.

O cotidiano familiar, social, escolar e do trabalho propõe a cada dia situações novas que devem ser resolvidas de forma crítica e justa a fim de minimizar as injustiças e a exclusão de pessoas. Para isso, é necessário que a escola contribua para a formação de indivíduos responsáveis na construção de uma sociedade ética, justa e inclusiva.

### **3. O Jogo Teatral na Educação**

Os jogos teatrais têm uma estrutura que permite a mudança de atitude por parte do professor, ou seja, dentro de um jogo, ele somente propõe o problema, pois a busca de solução é feita por todo o grupo. Sendo assim, não há, nessa situação, o detentor das respostas, mas a resposta pode ser dada por todos. O papel do professor nessa situação é o de problematizar as respostas para que todos, em acordo, optem por uma. Spolin (2007). É o par educador-educando entrando em cena, como diria Paulo Freire.

O jogo teatral pode colaborar na formação de pessoas críticas e abertas ao diálogo, pois o jogo propõe um problema a ser resolvido, cuja solução deve ser encontrada em grupo e não solitariamente. Isso permite e suscita o envolvimento do grupo, a criatividade, o improviso e a intuição que são vitais para a aprendizagem. Assim o educando se torna o foco da aprendizagem.

Os jogos teatrais podem trazer o frescor e vitalidade para a sala de aula. As oficinas de jogos teatrais não são designadas como passatempo do currículo, mas sim como complementos para aprendizagem escolar, ampliando a consciência de problemas e idéias fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos alunos. (SPOLIN, 2007, p. 29)

Os jogos podem incentivar a transformação na aprendizagem, tornando os jogadores capazes de construir situações, objetos ou conceitos impossíveis de serem captados em palavras e até criá-los a partir do nada.

Isto é, o jogo pode propor um problema que precisa de objetos, coisas ou pessoas que não estão na sala, e para que os jogadores cheguem à resolução do problema proposto devem agir criativamente e os construir imaginariamente e não só devem construir como também devem interagir com eles.

As oficinas de jogos teatrais são úteis ao desenvolver a habilidade dos alunos em comunicar-se por meio do discurso e da escrita, e de formas não verbais. São fontes de energia que ajudam os alunos a aprimorar habilidades de concentração, resolução de problemas e interação em grupo. (idem, idem, p. 209)

Os jogos estabelecidos se baseiam na resolução de problemas cuja resolução nasce do improviso. Suas essências estão no **foco**, onde todos devem se concentrar para resolver o problema, na **instrução** para atingir o objetivo e na **avaliação** que visa verificar se o foco foi conseguido e se a instrução foi suficiente para resolver o problema proposto.

### 3.1. Alguns Tipos de Jogos

Os diversos tipos de jogos podem contribuir para a aprendizagem, pois ajudam a desenvolver habilidades de forma mais descontraída, permitindo a interação de todos. Vejamos alguns tipos de jogos que podem ser utilizados facilmente no ambiente escolar.

Jogos de aquecimento: o aquecimento é necessário antes das oficinas, como também são úteis ao final de oficinas de baixa energia para revigorar os jogadores. Os jogos de aquecimento focam a interação do grupo.

Jogos de movimentos: esses jogos permitem a exploração do ambiente, a liberação de gestos e de energia. Com isso a liberação do pensamento e das idéias ocorre pela necessidade de criar movimentos e gestos. *“As caminhadas no espaço estendem esta exploração, dando aos alunos a chance de se movimentar e explorar o espaço familiar da sala de aula, proporcionando um novo imediatismo ao espaço.”* (SPOLIN, 2007, p. 69)

Jogos de transformação: esses jogos tornam o invisível, visível. Os jogadores devem criar os objetos, coisas ou personagens e jogar com eles, de maneira criativa e de improviso, porém com bastante detalhes para que a platéia identifique em seus gestos ou ações do que se trata aquele jogo. Com isso, tanto os jogadores como a platéias experimentam o despertar do intuitivo. *“...Quando o invisível se torna visível, temos a magia teatral!”* (idem, idem, p. 78).

Jogos sensoriais: sugerem uma nova consciência sensorial e a concentração a fim de compreender claramente o que ouve, pois pode ser pedido a um jogador, que o demonstre através de ações, gestos, desenhos, textos o que ouviu, sem que tenha tempo para pensar nele.

Jogos com parte de um todo: quando o jogador entende que é uma parte de um todo, torna-se responsável pela resolução daquele problema, apoiando o outro e partilhando suas respostas. “...*Um jogador com corpo, mente e intuição em uníssono, com alto nível de energia pessoal, conecta-se com os parceiros no esforço de quebrar limitações.*” (SPOLIN, 2007, p. 111).

No contexto pedagógico, o jogo que enfoca a parte de um todo, pode contribuir na formação de cidadãos mais participantes e responsáveis pelo outro, como também alunos co-participantes na formação de outros. Como ele faz parte de uma sociedade, deve contribuir para que a justiça, a tolerância e a inclusão estejam presentes abundantemente no cotidiano das pessoas.

Jogos de palavras: o medo da comunicação verbal pode prejudicar a aprendizagem. Esses jogos fomentam a necessidade de se comunicar, e através do improviso e centrado no foco, as palavras surgem e com isso o diálogo acontece. A superação da timidez contribui para que o educando possa suplantar seus limites e partilhar plenamente do conhecimento científico e cultural.

### **3.2. A Importância do Foco**

Os jogos de Spolin são muito utilizados na formação de atores e podem ser explorados nos contexto pedagógico.

Quando utilizados na formação de atores com o objetivo de desenvolver personagens, o jogo deve focar o ‘**quem**’, onde as atividades desenvolvidas visam que os participantes demonstrem em suas ações que entenderam quem é o personagem que devem encenar. Vejamos um exemplo de jogo proposto por Spolin (2001, p. 119):

**Objetivo:** mostrar, e não contar o personagem.

**Foco:** permitir que quem você é, revele-se por si mesmo.

Estabelecendo esse tipo de foco no jogo, poderemos discutir sobre como o comprometimento ético das pessoas resultam efetivamente na sociedade. Para isso, o improviso e a criatividade devem florescer no educando, pois ele terá de representar um personagem que pode existir na sociedade ou no seu cotidiano, mas para resolver o problema proposto pelo jogo e atingir o foco, o jogador deve reproduzi-lo imaginariamente através de palavras, gestos ou ações.

Outro tipo de foco do jogo teatral é o ‘**onde**’, e na formação de atores esse jogo é proposto com a intenção de que os jogadores, em suas ações, demonstrem onde estão, isto é, como é o local onde estão interagindo. Vejamos um exemplo de jogo proposto por Spolin (2001, p. 50):

**Objetivo:** tornar visível o invisível.

**Foco:** mostrar onde você está através do contato físico com todos os objetos desenhados. Os objetos são simplesmente representados por riscos de giz numa lousa ou num pedaço de papel que deve ser colocado no palco. Cada jogador deve, de alguma forma, manipular ou tocar tudo o que foi desenhado no quadro, compartilhando com a platéia a sua visibilidade.

Esse tipo de atividade pode permitir a discussão de problemas locais e assim procurar as devidas soluções. Nesse caso também o imaginário, a criatividade e o improviso devem aflorar para que haja a resolução do problema proposto.

Além de **quem** é o personagem ou **onde** está se desenvolvendo o jogo, existe o foco em ‘**o quê**’, que visa demonstrar a ação que deve ser efetuada pelos jogadores e como deve interagir todo o grupo. Vamos ver um exemplo de jogo cujo foco está na ação, segundo Spolin (2001 p. 91)

**Objetivo:** ajudar os jogadores a utilizar o silêncio para construir tensão.

**Foco:** no silêncio entre jogadores

Com esse foco, poderemos discutir ações benéficas ou maléficas para a sociedade e para a aprendizagem. O que se espera com esse foco é que situações de injustiças e de exclusão, existentes no cotidiano escolar como também da comunidade ao redor da escola, sejam transformadas.

Esses focos levam ao envolvimento de todos os jogadores e à busca em conjunto das soluções para atingi-los. Para que qualquer um desses focos citados seja atingido é necessário o envolvimento de todos para resolver o problema, aflorando com isso, a criatividade, a confiança recíproca, a necessidade de ajuda e, de certa forma, a independência.

“O desenvolvimento progressivo do sentido de cooperação leva à autonomia da consciência, realizando a “revolução copernicana” que se processa no indivíduo, ao passar da relação de dependência para a de independência.” (SPOLIN, 2001, p. 13)

A independência não nasce da disputa para se encontrar a resposta, pois é necessário que cada um ajude o outro na busca da solução. Não só ajudar o outro, mas procurar ajuda e essa é a essência da educação: formar indivíduos capazes de lutar por seus objetivos, respeitando as diferenças dos outros que estão à sua volta; como também que sejam solidários e abertos ao diálogo.

#### **4. O Diálogo e o Exercício da Cidadania**

Para Paulo Freire só o diálogo produz a liberdade do homem e da mulher. Os jogos de palavra de Spolin (2007) podem contribuir para o desenvolvimento da comunicação verbal e podem permitir que o diálogo, o questionamento, a crítica construtora e transformadora de situações de exclusão aconteça na sala de aula e fora dela.

*“Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.”* (FREIRE, 2008, p. 115).

Quando o diálogo é o centro do processo pedagógico, a transformação da sala de aula se faz necessária e o professor deixa de ser o único responsável pelo conhecimento. Assim, educador e educando são co-responsáveis pela busca do conhecimento. A ênfase no diálogo, mediatizado pela construção/problematização do conhecimento, é a grande mudança que pode muito bem ser trabalhada com os jogos teatrais.

Quando a criatividade, a crítica e a disposição para solucionar, justa e eticamente, problemas enfrentados no cotidiano existem, se configura o exercício pleno da cidadania.

#### **5. Considerações Finais**

Ao olhar para a educação, nós, enquanto educadores, não podemos separá-la da sociedade, pois ela acontece na sociedade, com isso, ações desenvolvidas na escola serão refletidas na sociedade, como também a escola será reflexo da sociedade. *“ Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio.”* (FREIRE, 2008, p. 43) Sendo assim, ao construir um projeto pedagógico devemos estabelecer o que se pretende com ele, isto é, desde a melhora da aprendizagem de nossos educandos até, no mínimo, atingir a comunidade onde a

escola se localiza. Esse projeto, desde a sua idealização até sua aplicação deve ter como foco o diálogo.

O diálogo deve ser o mediador do desenvolvimento deste projeto. Deve ser horizontal, como proposto por Paulo Freire, onde ninguém impõe suas idéias, mas todos discutem a melhor resolução para a situação proposta.

O diálogo problematizador que leva à reflexão deve ser o foco do cotidiano escolar, desde a participação do gestor no desenvolvimento pedagógico até as contribuições dos educandos e de seus pais.

Todos: gestores, educadores, pesquisadores da educação, educandos, pais de educandos, têm o dever de propor e participar de gestões mais participativas, mais dialógicas e mais democráticas, com a finalidade de contribuir para a formação de indivíduos mais flexíveis em sociedade e para que a inclusão, em todos os sentidos, seja uma prática diária.

Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua apreensão, esforçar-se por evitar deformações. Por negar a transferência da responsabilidade. Pela recusa a posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela prática do diálogo e não da polêmica. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não recusa ao velho só porque é velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. (FREIRE, 2008, p. 71)

É nesse sentido que a educação deve ser norteada, permitindo que educandos partilhem de um cotidiano onde o diálogo crítico e não apenas polêmico pode contribuir para a formação de indivíduos capazes de interagir com o universo a sua volta de forma crítica, criativa, sendo gerador de situações de inclusão e de tolerância.

Quando o conhecimento pode ser partilhado dialogicamente, todos podem contribuir pela sua partilha, com isso é possível que educandos se sintam mais motivados na aprendizagem bem como na busca plena do conhecimento.

Acreditamos que os jogos teatrais podem ajudar na facilitação desse ambiente, pois eles focam a resolução de problemas; e para que a resolução seja efetuada da melhor forma, todos devem contribuir. Com isso, não há mais o detentor do conhecimento, mas aquele que motiva a todos na busca do conhecimento, para assim solucionar o problema proposto.

É necessário voltar para a educação um olhar libertador, ou seja, aquele que permite ao educando o acesso pleno à sua cidadania e as condições de interagir com o universo atual; pois, as necessidades dos educandos de hoje não são as mesmas de

outrora. Hoje o educando necessita ser preparado para resolver problemas inesperados em seu cotidiano, para isso a criatividade e a criticidade são essenciais.

O educador não pode apenas ser um transmissor de conteúdos, mas deve ser aquele que desperta o educando para a busca do conhecimento.

É necessário que o educando veja tanto na cultura científica como na social e histórica linguagens e conhecimentos necessários para dialogar e interagir com as transformações sociais, culturais e tecnológicas, e nesse sentido a escola tem papel fundamental na sua formação.

O educando, será assim, capaz de exercer plenamente a sua cidadania e se tornará o agente transformador na sociedade.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, M. **Como escrever teses e monografias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BARCELLOS, H. **Além do círculo de giz**. Brasília: MUSI Med, 1995.

BRECHT, B. **Teatro de diversão ou teatro pedagógico**. In Revista civilização Brasileira, numero 3, julho 1965.

ECO, U. **Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. (8ª ed.). São Paulo: Perspectiva, 1997.

\_\_\_\_\_. **Como se faz uma tese**. (G.C.C. Souza, Trad.). 19ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 2ª ed. São Paulo: Olho d'agua, 1995.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática de liberdade**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação**. (R. D. Oliveira, Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 39ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 30ª ed. (M. Gadotti e L.L. Martin). São Paulo: Paz e Terra, 2007.

KOUDELLA, I. D. **Jogos teatrais**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Texto e jogo: uma didática brechtiana.** São Paulo: Perspectiva, 2008.

LAPENDA, C. D. **Teatro: recurso lúdico e pedagógico.** In: A. C. (Coord), Aprender e ensinar com textos não escolares (Vol. 3). São Paulo: Cortez, 1997.

NUNES, L. A. **Do livro para o palco: formas de interação entre o épico literário e o teatral.** In: O Persejejo n. 9, ano 8, 2000.

OLIVEIRA, N. R. **A presença do teatro no ensino de física.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FEUSP/IFUSP, 2004.

PUPO, M. L. **Palavras em jogo. Textos literários e teatro-educação.** (Tese de Livre-docência). São Paulo: ECA/USP, 1997.

SNYDERS, G. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários.** (C. A. SILVA, Trad.) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro.** (I. D. KOUDELA, Trad.) São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Jogos teatrais. O fichário.** (I. D. KOUDELA, Trad.) São Paulo: Perspectiva, 2001a.

\_\_\_\_\_. **O jogo teatral no livro do diretor.** (I. D. KOUDELA, Trad.) São Paulo: Perspectiva, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Jogos Teatrais para a sala de aula: um manual para o professor.** (I. D. KOUDELA, Trad.) São Paulo: Perspectiva, 2007.